

## **DISNEY MADE IN BRAZIL: ANOS 1950**

### **RESUMO**

Durante 40 anos (1961-2001) a Editora Abril publicou regularmente histórias em quadrinhos Disney produzidas por brasileiros. A iniciativa de produzir material localmente, porém, deu-se na década anterior. Dezenas de capas, vinhetas, matérias, histórias ilustradas e até mesmo algumas HQs criadas no Brasil preencheram as páginas das recém-criadas revistas "O Pato Donald" e "Mickey" no decorrer da década de 1950. O objetivo deste artigo é esmiuçar e contextualizar a produção local do período e creditar, quando possível, seus autores. O método utilizado neste trabalho é a pesquisa bibliográfica e documental, listando exatamente o que foi produzido no Brasil, sua motivação e importância, por meio de entrevistas e análise das revistas Disney do período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Walt Disney; Anos 1950; Quadrinhistas brasileiros

### **INTRODUÇÃO**

Filho mais velho de uma tradicional família milanesa, César Civita (1905-2005), era, em 1936, administrador geral da editora italiana Mondadori (SCARZANELLA, 2013, p. 19), que publicava há um ano o jornal "Topolino" (Mickey), de Walter Elias Disney (1901-1966)<sup>1</sup>. Após o regime de Mussolini impôr a lei anti-judaica de 1938, os Civita imigram para Nova Iorque. Seu irmão mais novo, Victor Civita (1907-1990), segue o mesmo caminho, onde trabalha e até se torna sócio minoritário de uma empresa gráfica de embalagens para cosméticos<sup>2</sup>.

Em 1941 César muda-se para Buenos Aires, como representante Disney na América Latina, e funda a Editorial Abril, lançando em 1944, o semanário "El Pato Donald"<sup>3</sup>. Buscando expandir seus negócios, César publica no Brasil, junto à recém-criada EBAL (Editora Brasil-América Limitada), de Adolfo Aizen (1907-1991), a revista em quadrinhos "Seleções Coloridas" em 1946 (SANTOS, 2002, p. 254) e inaugura, no ano seguinte, uma filial da Abril argentina no Brasil. Um dos seus sócios era o advogado italiano Enrico Rimini

---

1 <http://coa.inducks.org/publication.php?c=it/TG>

2 <http://grupoabril.com.br/pt/quem-somos/victor-civita/biografia>

3 <http://coa.inducks.org/issue.php?c=ar/EPD+++1>

(nascido em 1898) (SCARZANELLA, 2013, p. 145), radicado no país desde 1939<sup>4</sup>, e que se tornaria "representante geral do Brasil para cessão de direitos de reprodução da Character Merchandising Division da Walt Disney Productions"<sup>5</sup>. São então lançados no país uma série de livros infantis impressos na Argentina ("Pequenos Grandes Livros", "Eu Sou...", "A Janelinha" e "Contos de Abril"), sendo alguns estreados por personagens Disney<sup>6</sup>. Em 1949, os irmãos se encontram na Itália, e César, desconfiado dos rumos da Argentina peronista, propõe à Victor a administração da filial brasileira. Victor viaja à América do Sul, onde conhece a sede da Editorial Abril, o Rio de Janeiro e São Paulo e decide fixar raízes no país.

Ao solicitar aporte financeiro ao Banco Francês e Italiano Para a América do Sul, conhece o brasileiro Gordiano Oliviero Gaudêncio Rossi (falecido em 1981), que se tornaria seu sócio e braço direito na empreitada. Poucos meses depois, em Março de 1950, o semanário cinematográfico Cine Repórter divulga a passagem do presidente-executivo Disney, Oliver B. Johnston (nascido em 1901), pelo Brasil: "O Sr. Oliver B. Johnston veio a São Paulo ultimar os entendimentos para o próximo aparecimento da revista 'O Pato Donald', que divulgará historietas em que figuram os personagens de desenhos Disney, das quais é excluída qualquer excitação ao crime, sendo fundadas na mais absoluta moralidade."<sup>7</sup>.

### **O "PATÃO (1950-1952)**

"O Pato Donald" é recebido com entusiasmo pelo jornal carioca "A Manhã", que publica em 2 de Julho de 1950:

(...) Se pensarmos que as histórias em quadrinhos estão prendendo pouco a pouco até páginas inteiras de jornais e dos seus suplementos de Domingo, concluiremos que não há remédio: a moda é esta, ninguém nem nada poderia vencê-la. A única coisa para fazer, é procurar orientar a criança para aquela história que a interessem, sem que prejudique sua formação espiritual e moral. Aliás, entre as histórias em quadrinhos americanas, francesas e, particularmente, italianas que vêm reforçando a

---

4 "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," index and images, FamilySearch (<https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-1951-22398-21818-55?cc=1932363> : accessed 1 June 2015), Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965 > Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965 > Group 3 > 004908318 > image 71 of 204; Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (National Archives, Rio de Janeiro).

5 O Pato Donald No. 5, Novembro de 1950, (p. 5).

6 Coleção do autor.

7 Em São Paulo um diretor dos "studios" Walt Disney. Cine Repórter No. 737, São Paulo, 4 de Março de 1950.

**18 a 21 de agosto de 2015**

Escola de Comunicações e Artes  
da Universidade de São Paulo

quantitativamente escassa produção brasileira, há obras que moral, artisticamente e literariamente merecem o máximo respeito. Entre as revistas que publicam estas historietas, terá um lugar de grande destaque a nova revista O PATO DONALD que aparecerá nos próximos dias: quarenta páginas em "off-set", oito das quais em cores, exclusivamente dedicadas àqueles personagens maravilhosos que Walt Disney criou e cujas aventuras já eram publicadas em quinze idiomas diferentes - inclusive em japonês - menos em português."(...) ( O Pato Donald Vem ao Brasil. A Manhã No. 2739, Domingo, 2 de Julho de 1950 (p. 3)).

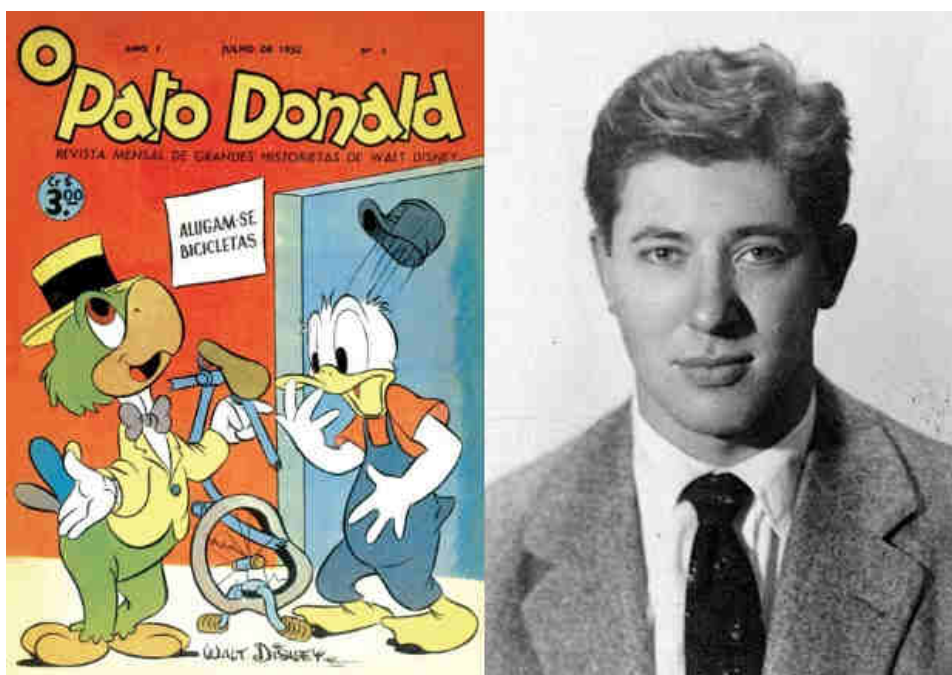


Figura 1 - A capa da antológica revista "O Pato Donald" No. 1 e seu desenhista, Luis Destuet.

Fonte: Editora Abril (divulgação)/Family Search

Dez dias depois a Abril publica o seguinte anúncio nos jornal O Estado de São Paulo: "Finalmente! Uma revista infantil aprovada pelas autoridades educacionais e eclesiásticas! Compre para seu filhinho O PATO DONALD a revista de Walt Disney". A revista, mensal no seu início, trazia 40 páginas (8 coloridas e 32 monocromáticas), ao preço de CR\$ 3,00, formato grande (20 X 26 cm) e tiragem de 82.370 exemplares<sup>8</sup>. Zé Carioca dividia as honras da capa com o Donald, desenhados pelo portenho<sup>9</sup> Luis Amador Destuet (1920-

8 O Pato Imbatível. O Pato Donald No. 2445, Julho de 2015 (p. 3).

9 "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," index and images, FamilySearch (<https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-1942-22420-88473-78?cc=1932363> : accessed 1 June 2015), Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965 > Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965 > Group 4 > 004910825 > image 38 of 203; Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (National Archives, Rio de Janeiro).

2002), que já produzia capas e quadrinhos Disney para a Editorial Abril. Sempre no traço despojado de Destuet, Donald e Zé Carioca aparecem juntos em todas as capas do período em formato grande e mensal (1950-52). As capas mostram Zé Carioca e Donald pregando peças um no outro ou são temáticas. Na edição No. 8 (fevereiro de 1951), pulam Carnaval, na edição No. 16 (outubro de 1951), pintam um bigode na Mona Lisa.

O endereço no expediente era a Rua Libero Badaró, 158, endereço comercial de Enrico Rimini, mas já na segunda edição aparece o endereço definitivo, Rua João Adolfo, 118, onde a editora funcionaria por muitos anos. A direção da revista era do jornalista, escritor e radialista Jerônimo Monteiro (1908-1970), autor de mais de 30 livros, entre os quais a aventura policial "O Colecionador de Mãos (1933)", a ficção científica "Três Meses no Século 81" (1947) e o infanto-juvenil "Viagem Ao País dos Sonhos" (1949). Na rádio criou o detetive Dick Peter, transmitido entre 1937 e 1940 (FINOTTI, 1999, p.1). Além das HQs americanas, produzidas pela Western Publishing por autores como Carl Barks (1901-2000), Bill Wright (1917-1984), Carl Buetner (1905-1965) e Tom McKimson (1907-1998)<sup>10</sup>, a edição também trazia duas páginas de editoriais: "Rádio Pataquada" e "Aventuras da Vida e do Mundo". Em "Pataquada", descobrimos como foi a vinda de Donald ao Brasil:

"Tenho uma boa notícia para vocês, meus ouvintes: vou passar a viver no Brasil dirigindo este grande programa que vai ser 'Radio Pataquada'. Eu explico. Quem resolveu não fui eu, foram meus compatriotas americanos. Eles se divertiam tanto comigo e com as brincadeiras dos meus sobrinhos que nos despacharam para cá com passagem paga. Passagem só de ida. Confesso que a princípio estrilei, embora eu não goste de dar estrilos. Sou um cavalheiro pacato." (O Pato Donald No. 1, Julho de 1950 (p.5))

Ao chegar no país Donald encontra seu velho amigo Zé Carioca, que afirma que o pato precisava de um emprego, afinal no país todos trabalham, menos ele. Donald gostaria ser presidente da república, mas como o cargo está ocupado ele resolve ser radialista, como seu editor<sup>11</sup>. "Aventuras da Vida e do Mundo", era "assinada" pelo camundongo Mickey. Uma das curiosidades publicadas no primeiro número era sobre uma morte trágica:

---

10 <http://coa.inducks.org/issue.php?c=br/PD++++1>

11 O Pato Donald No. 1, Julho de 1950, (p. 5).

"Um urso, no Canadá, encontrou um saco com uns dez quilos de maçãs secas e cristalizadas. Gulozamente enguliu tudo quase sem mastigar, e foi matar a sede num riacho. Um caçador encontrou-o morto na margem, com o estômago reventado. A água tinha aumentado muito o volume das frutas secas." (O Pato Donald No. 1, Julho de 1950 (p.36))

Também havia uma seção de piadas e, à partir da segunda edição, a publicação de desenhos dos leitores. Os autores das piadas selecionadas ganhavam CR\$ 10,00. No início essa seção era organizada<sup>12</sup> pela jornalista e tradutora francesa, natural de Clichy<sup>13</sup>, Micheline Marie Louise Ugolini de Gaggio Frank (nascida em 1919), enviada da Editorial de César Civita. "Radio Pataquada" foi substituída, à partir da sexta edição, por uma seção de passatempos, "Divertilândia", inicialmente assinada "por Elody". À partir do No. 12 (junho de 1951) passatempos do tipo "Dê sua opinião", permitiam aos leitores opinar, por exemplo, se Mickey deveria ou não arriscar sua integridade física indo à uma festinha na casa de Donald onde, é claro, estariam presentes seus três terríveis sobrinhos. Entre os leitores que completassem os passatempos eram sorteados livrinhos Disney das coleções antigas da editora ("O Camondongo Mickey Jornalista", "Mickey e o Submarino Pirata" e "Mickey no Vale Feliz"). No final de 1951 foi a vez de Destuet ser "despachado" ao Brasil, em caráter temporário, mas com uma importante função: ensinar aos desenhistas locais a arte do desenho Disney (MOYA, 1996, p.84).

### **PATO SEMANAL & MICKEY (1952-1954)**

Em 1952 "O Pato Donald" (No. 22 - 8 de abril) se torna semanal. A revista adota um formato menor (13,5 x 21 cm), com as mesmas 36 páginas com que havia sendo publicada desde o No. 13. Na seção de "depoimentos", "Dois Dedos de Prosa" (Nos. 18-41), Donald parece incomodado com a mudança:

"Mensalmente vocês riam à minha custa quando eu encontrava um filhotinho de gato morando nas minhas chinelas, ou quando deparava com um filhote de leão deitado no sofá da sala, ou quando topava com um filhote de elefante dormindo na

---

12 <http://www.abril.com.br/institucional/50anos/ocomeco.html>

13 "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," index and images, FamilySearch (<https://familysearch.org/pal:/MM9.3.1/TH-1951-22427-9639-81?cc=1932363> : accessed 1 June 2015), Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965 > Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965 > Group 6 > 004912531 > image 42 of 203; Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (National Archives, Rio de Janeiro).

**18 a 21 de agosto de 2015**

Escola de Comunicações e Artes  
da Universidade de São Paulo

minha cama, ou quando JAMAIS encontrava as latas de doce que escondia na geladeira... E isto vai passar a acontecer TODAS AS SEMANAS. Já me sinto molhado de suor só em pensar o que irão inventar comigo! Mas paciência: vocês é que mandam." (O Pato Donald No. 22, 8 de Abril de 1952, p. 20).

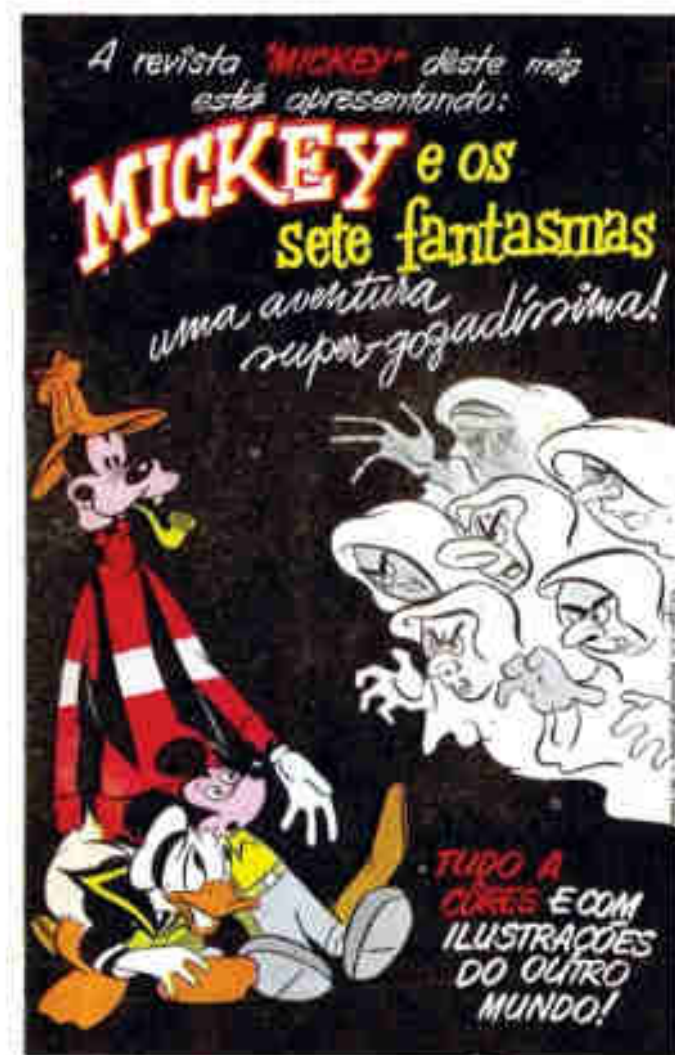


Figura 2 - Anúncio de "Mickey" na contracapa de "O Pato Donald". Ilustração de Álvaro de Moya.

Fonte: O Pato Donald No. 65 (acervo EsquiloScans)

Surgem outras seções, como "Carteira de Identidade" (Nos. 22-41), com fichas de esportistas, e a longa série de testes ilustrados "Veja se sabe..." (Nos. 22-51), com desenhos de Luis Destuet. Também são publicados muitas histórias ilustradas. A primeira, "Zé Carioca Mostra o Brasil" (Nos. 22-29), mostra Pluto e Donald visitando vários estados do

Brasil, ciceroneados pelo Zé Carioca. As ilustrações eram de Destuet e de seu aprendiz<sup>14</sup>, Álvaro de Moya (São Paulo, 1930)<sup>15</sup>. Também são de Moya as ilustrações das histórias "No Princípio Foi Assim..." (Nos. 42-44), em que Esquálidus explica a origem da Terra, e "A Vida de Donald" (Nos. 50-59), em que os leitores conhecem a trajetória de vida do pato, do ovo à astro de Hollywood. Moya era ilustrador do jornal paulista "O Tempo" e havia participado da inauguração da televisão brasileira, criando os letreiros do programa de inauguração da TV Tupi (1950). Também havia sido sua iniciativa a organização da "I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos" (1951), ocorrida no Centro de Cultura e Progresso em São Paulo (MATTOS, 2004, p. 17). Seu trabalho passa a ser visto com frequência nas capas de "O Pato Donald", que até então continuava sendo ilustrada por Destuet. Enquanto no traço do desenhista argentino é notável a influência de Walt Kelly (Walter Crawford Kelly, 1913-1973), capista Disney americano, Moya usa como modelo o trabalho de Al Taliaferro (Charles Alfred Taliaferro, 1905-1969), desenhista das tiras de jornal do pato. As ideias eram criativas: Em "O Pato Donald" No. 59 (23 de dezembro de 1952), Donald recebe de presente do Papai Noel outros quatro sobrinhos de presente e em "O Pato Donald" No. 114 (janeiro de 1954), Margarida cora ao ver seu peso na balança (o pato estava pisando no degrau).

Também são de Moya os anúncios do novo lançamento da editora: a revista mensal "Mickey" (outubro de 1952): tinha 52 páginas (sendo 32 páginas de miolo coloridas), também em "formatinho" (13,5 x 21 cm) e direção de Gordiano Rossi. Além das quadrinizações dos filmes Disney e histórias ilustradas, orgulhosamente apresentadas por "Walt Disney e a Editora Abril", a revista trazia as seções "Horóscopo do Pateta" (Nos. 1-17), o jornal esportivo "Em Cima da Hora" (Nos. 1-5), os truques de mágicas "Abrakadabra" (Nos. 1-6) além de reportagens sobre lendas indígenas e dicas de literatura. Um dos destaques era a nostálgica seção "Almanaque da Vovó Donald" (Nos. 1-8):

"Meus caros netinhos, aqui estou para falar a vocês dos bons tempos, isto é, do meu tempo, do comêço do século. (Como vêem, estou conservada). Vou falhar-les de

---

14 Segundo Álvaro de Moya, também João Baptista Queiroz era desenhista da Abril naquele período. Até o momento, porém, não foi possível identificar nenhum material Disney em específico de sua autoria.

15 Álvaro de Moya (Comunicação pessoal, 2012).

uma época de paz, de calma, em que, em vez de correr, VIVIA-SE. Vou lembrar-lhes o bom tempo em que os bondes eram puxados a burros, em compensação, não havia cavalos dentro dos bondes, como nos cavalares tempos de hoje. Bem, dêem uma olhada nestas fotos do meu álbum de recordações e ficarão sabendo porque âqueles eram bons tempos... Há também a folhinha com o dia do meu matrimônio assinalado. Consorciei-me com o sr. Donald Patadas, insigne causídico da época. Meu espôso (Deus o guarde) faleceu devido a um defluxo que apanhou um belo dia, ao nadar na Lagoa dos Patos." (Mickey No. 1, Outubro de 1952, (p.45))

Enquanto vovó ensinava os valores de outrora, a revista do seu neto ganha uma seção de cartas (No. 52), assinada (à partir da edição No. 62) pelo tradutor, escritor e redator, Alberto "Pena de Pato" Maduar. As fichas de esportistas recebem um novo nome, "Ídolos do Público" (Nos. 61-93), e a nova seção "Fichário Disney" (Nos. 63-93), mostra, no traço de Moya, a evolução dos personagens. À partir de fevereiro de 1953, Cláudio de Souza (1928-2012) aparece nos expedientes de "O Pato Donald" (No. 68) e "Mickey" (No. 5) como secretário de redação. Cláudio, que era advogado, jornalista e locutor, havia sido contratado como assessor de Victor Civita dois anos antes. Antes havia trabalhado no suplemento "A Gazeta Juvenil", onde escreveu uma série de HQs desenhadas por Messias de Mello (1904-1994). Um dos pedidos mais frequentes da seção de cartas era por novas HQs do Zé Carioca (havia poucas HQs estrangeiras disponíveis). Mas quem se tornou alvo de polêmica mesmo foi Esquálidus, o homem do futuro. Quando um leitor escreveu pedindo para que a Abril parasse de publicar HQs do personagem, causou uma pequena revolução entre os leitores. A solução encontrada pelos editores foi bolar um "plebiscito":

"Agora, no No 76 do PATO, vamos dedicar DUAS PÁGINAS inteiras para publicar NA ÍNTEGRA as cartas de defesa, sob o título "O CASO ESQUÁLIDUS". Isso mesmo, pessoal, a coisa vai pegar fogo. Bem, e depois de tudo que nos diz o leitor Luiz Mello? Vamos, Luiz; saia pra fora. Escreva outra vez, homem. Defenda-se! Olhe que a turma caiu de rijo em você... E como nós somos democráticos, qualquer coisa que você escrever, em defesa da sua opinião, nós publicaremos também. Pela primeira vez no jornalismo juvenil brasileiro, O PATO DONALD inaugura uma polêmica entre leitores! Vamos escrever, pessoal! Vamos entrar na briga também!" (O Pato Donald No. 74, 7 de Abril de 1953, (p. 2)).

Uma das "testemunhas de acusação" escreveu: "Desde o No. 22 aparece um personagem cujo nome significa: sórdido, sujo, desalinhado. E é. Êsse sujeito é o Esquálidus, o tal que chateia a quase todos. Nós sugerimos que êsse sujeito tire umas férias bem longas; ou antes, que seja aposentado." Já entre as "testemunhas de defesa" alguém escreveu: "Eu, como



todos os fãs da nossa cidade (Maringá) dessa revista não queremos que tirem o Esquálidus. Melhor que está impossível, por isso deixem ficar como está. Ao final, Esquálidus foi absolvido, por maioria de votos<sup>16</sup>. Ainda que a popularidade de Esquálidus estivesse em xeque naquele momento, os outros personagens Disney estavam em "alta". Tanto que, em maio de 1953 a imprensa noticia (ALVEZ, 1953, p.5) que a jornalista Carmen Prudente (1912-2001), havia conseguido uma licença especial do próprio Walt Disney para decorar a enfermaria infantil do recém-inaugurado hospital A.C. Camargo com seus personagens, cuja pintura ficaria a cargo de Vittor Ballot.

De volta à Abril, em julho de 1953, Gordiano Rossi passa a dirigir também "O Pato Donald" (No. 90), sempre com Cláudio como secretário de redação. No mesmo mês começam a ser publicadas, na seção de cartas "Valor Reconhecido", série de ilustrações em formato de selo que substitui as fichas sobre esportistas. Trata-se de retratos de personalidades, ilustrados por Jorge Kato (1936-2011), desenhista natural de Bastos, que havia entrado na empresa como letrista e decorador (SANTOS, 2002, p. 259-260). Enquanto isso "Mickey" continua sua linha editorial variada e publica no mesmo mês (No. 11) a história ilustrada, escrita por Maduar e ilustrada por Moya, "Não Perca a Linha", em que o Pato Donald, "depois de vários anos" consegue uma linha telefônica. O que ele não contava era com as diabruras de seus sobrinhos, que passam trote em Margarida se passando pelo tio. A pata, ofendida, atravessa a rua e bate no pato com o "rôlo de pastéis", sem lhe dar maiores explicações. Maduar não era apenas um redator criativo, mas havia também muita camaradagem em suas respostas da seção de cartas.

Quando um leitor escreveu<sup>17</sup> perguntando se existia "um pássaro que nem Amadeu que fala e faz diabruras", e se desculpou tanto pelo "papel de embrulho" quanto pela ortografia (por não frequentar a escola há cinco anos), Maduar respondeu que, sendo a carta "inteligível e asseada" ele poderia escrever até mesmo em "papel de lixa" e recomendou ao leitor que, se não pudesse voltar à escola, que estudasse sozinho, lendo bons livros. Fora um movimentado concurso para a escolha do nome do "Compadre Coelho" (que seria batizado

---

16 O Pato Donald No. 76, 21 de Abril de 1953, (pgs. 18-19).

17 O Pato Donald No. 122, 9 de Março de 1954, (p. 13).

"Quincas"), a produção de material local foi reduzida ao mínimo no decorrer de 1954 até que, em dezembro, um anúncio surpresa publicado no "Pato" promete aos leitores, finalmente, "A Volta de Zé Carioca"<sup>18</sup>.

### **A VOLTA DO ZÉ CARIOCA (1955-1959)**

Luis Destuet já havia desenhado uma HQ de Zé Carioca em 1950, "Donald Fazendeiro" (XA EPD 308 - El Pato Donald No. 308-314)<sup>19</sup>, em que o pato e seus sobrinhos viajam ao Brasil para ajudar seu Tio João, cujo cafezal sofria um misterioso ataque de pássaros. Em 1955 "O Pato Donald" publica<sup>20</sup> outras três HQs do Zé Carioca, desenhadas por Destuet. Em "A Volta de Zé Carioca" (B PD 165-D - O Pato Donald No. 165), o papagaio envia um telegrama aos seus amigos brasileiros dizendo que chegará no dia seguinte ao aeroporto de Congonhas e que espera uma recepção à altura. Ele então abre uma loja de instrumentos musicais, bem em frente a loja de seu rival, Haroldo. Em "Campeão de Futebol" (B PD 167-D - O Pato Donald No. 167), Rosinha vai a um baile com um jogador de futebol famoso, Baitazar, e Zé Carioca, enciumado, resolve provar que também pode jogar bola (e conta até com a ajuda de um pai-de-santo). Já em "Contraponto Musical" (B PD 172-E - O Pato Donald No. 172), Zé Carioca disputam a atenção de Rosinha, lhe dando instrumentos musicais de presente. Como observado pelo pesquisador Roberto Elísio dos Santos, "as narrativas são ambientadas no Brasil, mas a paisagem e a arquitetura lembram a de outros países latino-americanos" (SANTOS, 2002, p. 291).

---

18 O Pato Donald No. 164, 12 de Dezembro de 1954, (p. 30).

19 <http://coa.inducks.org/s.php?c=XA+EPD+308>

20 É possível que essa série de HQs tenham sido primeiramente publicada na Argentina.



Figura 3 - Tio Patinhas em um raro momento de generosidade. Ilustração de Jorge Kato.

Fonte: O Pato Donald No. 424 (acervo autor)

Ainda em 1955 Moya vai trabalhar na TV Paulista e Jorge Kato assume a tarefa de desenhar as capas das revistas Disney<sup>21</sup>. Ainda que seu estilo fosse mais estático que o de seus colegas, Kato era mais detalhista e fiel ao modelo americano. Em 1956, foi a vez do Pato Donald, "em pessoa", descer no aeroporto de Congonhas, em "missão de cordialidade da infância norte-americana". Tratava-se de uma promoção entre os brinquedos Estrela e a Editora Abril. O pato recebeu, inclusive, as chaves de São Paulo do então prefeito de São Paulo, Wladimir de Toledo Piza (1905-1999)<sup>22</sup>.

Em 1958 a Abril lança a mini-revista semanal, também de origem argentina, "Historinhas Semanais" (Coleccion Bolsillitos). A revistinha trazia contos ilustrados infantis, em formato de bolso, dos quais boa parte eram títulos Disney. Durou trezentos e doze edições e teria, na década seguinte, alguns contos criados por brasileiros<sup>23</sup>. No início de 1959 os leitores são surpreendidos com "O Misterioso Caso Das Tintas Do Pato" (B PD 384-B/B PD 389-B -

21 Também Alberto Antonio Conceição de Mello (1933-2007), natural de Macau, trabalhou como desenhista da Abril nesse período, como assistente de Jorge Kato. Porém, até o momento não foi possível identificar nenhum material Disney em específico de sua autoria. Alberto de Mello migrou com visto permanente para o Brasil em 1953 e faria uma longa carreira na área de animação americana à partir dos anos 1960.

22 Chegará à São Paulo amanhã o Pato Donald. Folha da Manhã No. 9876, Domingo, 8 de Julho de 1956 (p. 5).

23 <http://disneymadeinbrazil.blogspot.com.br/2009/04/revistas-historinhas-semanais.html>

O Pato Donald Nos. 384-392), uma série de histórias ilustradas por Kato que, ao longo de oito edições, tenta explicar porque, com excessão do primeiro caderno, as revistas passaram a ser publicadas em branco, preto e vermelho. Donald é incubido por Tio Patinhas, "dono" da gráfica onde são impressas as revistas (a própria S.A.I.B. - Sociada Anônima Impressora Brasileira), de descobrir quem havia furtado as tintas. Entre os suspeitos estavam João Honesto, Lobão, Gastão, Prof. Pardal e até mesmo o Lobinho. Ao final descobre-se que Pardal havia ingenuamente recolhido as tintas da fábrica como matéria-prima para sua nova invenção: uma espécie de tinta "multicolorida" que substituiria o processo de quadricomia (Tio Patinhas desistiu da troca, pois ficaria Cr\$ 2,00 mais caro do que as tintas costumeiras). Na realidade era apenas um problema no maquinário da gráfica da Abril, mas o mistério agitou os leitores. Entre os que acertaram o suspeito foram sorteadas três assinaturas da revista.

E então, em Dezembro de 1959, sem grandes alardes, é publicada a primeira HQ Disney brasileira de fato: "Papai Noel Por Acaso" (B PD 424-B - O Pato Donald No. 424), uma trama de 12 páginas, desenhada por Jorge Kato, em que Tio Patinhas compete com o milionário Rockford, doando presentes para a população pobre, tentando ser eleito o cidadão mais generoso de Patópolis no Natal. Tio Patinhas fica tão contente ao vencer a competição que manda Donald convidar toda a turma para a ceia daquele ano, inclusive o Esquálidus e o Zé Carioca (Rockford ficou pobre no meio do processo). Na edição seguinte, outra HQ natalina brasileira é publicada, "O Caso Do Peru De Natal" (B PD 425-B - O Pato Donald No. 425), também com desenhos de Kato. Na trama os sobrinhos estão rifando um peru, Brederoides, em benefício do orfanato de Patópolis. O problema é que todos pensam que o bicho engoliu uma moeda raríssima de Tio Patinhas que "vale mais que toda a sua fortuna" e o bicho, em fuga, embarca em um avião com destino a Brasília, "a nova capital do Brasil". Estas e outras quatro HQs, todas com desenhos de Kato, publicadas em "O Pato Donald" no decorrer de 1960, dariam o tom para o lançamento de "Zé Carioca" (1961) e para a produção regular de quadrinhos Disney no Brasil, no decorrer das próximas décadas.

## CONCLUSÃO

Desde o início a Editora Abril investiu em um claro processo de aculturação dos personagens Disney que ia muito além do simples espelhamento de edições estrangeiras. Se por um lado as traduções das HQs estrangeiras, ainda que engraçadas e espontâneas, fossem feitas à partir da versão argentina, por outro a produção de material local, sejam capas, editoriais ou quadrinhos, ajudou a criar uma aproximação com os leitores brasileiros que certamente se refletiam nas vendas. Este processo de criação, experimental e às vezes rudimentar, foi essencial para permitir que a produção nacional fosse consolidada, com o lançamento da revista "Zé Carioca" (1961). Se juntariam à Cláudio de Souza e Jorge Kato na década seguinte, os desenhistas Waldyr Igayara de Souza (1934-2002), Izomar Camargo Guilherme (Botucatu, 1938), Carlos Edgard Herrero (São Paulo, 1944) e, posteriormente, Primaggio Mantovi (Genova, 1945), profissionais importantes no processo de transformação da Editora Abril em um dos maiores centros mundiais de produção de quadrinhos Disney.

## REFERÊNCIAS

ALVEZ, Luís. **Desenhos de Walt Disney decorarão as dependências da enfermaria infantil do Hospital A.C. Camargo**. Folha da Manhã No. 8925, Domingo, 3 de Maio de 1953.

FINOTTI, Ivan. **De volta para o futuro**. Folha de São Paulo No. 8925, Sábado, 2 de Janeiro de 1999.

MOYA, Álvaro de. **O Mundo de Disney**. São Paulo: Ed. Geração Editorial, 1996

MATTOS, David José Lessa. **Pioneiros do Rádio e da TV no Brasil**, V.1. São Paulo: Ed. Cónex, 2004.

SANTOS, Roberto Elíseo dos. **Para Reler os Quadrinhos Disney: Linguagem, análise e evolução de HQs**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SCARZANELLA, Eugenia. **ABRIL Da Perón a Videla: un editore italiano a Buenos Aires**. Roma: Nova Delphi, 2013.

<http://acervo.folha.com.br/>

<http://coa.inducks.org/>

<http://disneymadeinbrazil.blogspot.com.br/>

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
**18 a 21 de agosto de 2015**  
Escola de Comunicações e Artes  
da Universidade de São Paulo

<https://familysearch.org/>

<http://grupoabril.com.br/pt/quem-somos>

<http://memoria.bn.br/>

<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/sumario.html>